

ALUNOS *VERSUS* PROFESSORES NO TEMIDO JOGO DA INDISCIPLINA ESCOLAR

Zuleika Leonora Schmidt Costa¹
Franciele Freitas da Silva²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo ampliar a reflexão a respeito da indisciplina nas séries finais do ensino fundamental em uma escola do município de Osório. Os sujeitos da pesquisa foram a supervisora escolar de uma escola do município de Osório, a diretora da escola municipal, bem como os alunos que ali estudam. A metodologia adotada privilegiou uma abordagem de cunho qualitativo, e o instrumento utilizado para a coleta de dados foram entrevistas. A investigação foi sobre as concepções dos alunos a respeito do que eles acreditam ser disciplina, por meio de uma entrevista e de desenhos solicitados para ilustrar. Os sujeitos entrevistados foram alunos de uma escola de ensino fundamental situada entre o litoral norte e a serra do estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa apresentada aborda teorias de autores sobre a indisciplina escolar e as intervenções que o supervisor escolar pode oferecer ao professor, visando a provocar uma análise crítica reflexiva sobre o que vem acontecendo no espaço escolar. A indisciplina na sala de aula, entendida como um dos maiores problemas que as escolas têm enfrentado nos dias atuais, vem ganhando cada vez mais espaço nas reuniões pedagógicas, nos conselhos de classe, na sala de professores, nos consultórios médicos e causando um dos maiores problemas escolares dos últimos séculos. O suporte teórico utilizado foram os autores Saviani, Nunes, Piaget, Aquino, entre outros. O estudo aborda o entendimento de indisciplina, suas principais causas, além de apontar possíveis soluções para enfrentar esse problema. Enfim, concluiu-se que disciplinar não é castigar incoerentemente uma criança, é fazê-la compreender que, para a sua concepção social, é preciso que respeite as regras criadas, seja pela sociedade, pela família ou pela escola, pois todos esses sistemas têm um único objetivo: o seu desenvolvimento e a sua inserção como ser crítico, autônomo e feliz na sociedade e no mundo ao qual pertence. Após ter analisado o que os alunos consideram disciplina/indisciplina na escola e que uma série de outros alunos vêm essa mesma palavra como cumprimento de ordens e aprisionamento, considera-se que é importante a direção, o supervisor, o orientador e a comunidade escolar, como um todo trabalharem juntos, para mudar estas realidades existentes na escola, pois só assim conseguiremos mudar a visão dos alunos.

Palavras-chave: Indisciplina. Escola. Ensino Fundamental.

¹ Psicóloga Mestre em Educação – UFRGS. Doutoranda em Educação - UNILASSALE. Coordenadora e Docente do Curso de Psicologia CNEC-FACOS. Coordenadora dos Curso de Pós-graduação em Educação CNEC-FACOS.

² Pós-graduação em Supervisão e Orientação Educacional - CNEC-FACOS. Supervisora Educacional na SEMD-Cidreira-RS.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre o papel do professor que atua na supervisão escolar frente às questões relacionadas à indisciplina.

“A indisciplina que está presente nos problemas escolares têm diversas origens e preocupa a todos os envolvidos com a educação. A escola tem o papel de criar mecanismos que provocam mudança de atitude e comportamentos indesejáveis do aluno para que a aprendizagem aconteça”, segundo (NUNES, 2008, p. 1).

A pesquisa apresentada aborda teorias de autores sobre a indisciplina escolar e as intervenções que o supervisor escolar pode oferecer ao professor, visando a provocar uma análise crítica reflexiva sobre o que vem acontecendo no espaço escolar. A indisciplina na sala de aula, entendida como um dos maiores problemas que as escolas têm enfrentado nos dias atuais, vem ganhando cada vez mais espaço nas reuniões pedagógicas, nos conselhos de classe, na sala de professores, nos consultórios médicos e causando um dos maiores problemas escolares do último século.

Através da presente pesquisa de cunho qualitativo, constatamos a existência de ansiedades, por parte dos profissionais que atuam na educação básica, dentre eles, o supervisor escolar, no que se refere à indisciplina. Tendo em vista que ela tem sido motivo de inúmeras queixas reveladas por professores e que fazem parte do cotidiano profissional dos supervisores escolares, esse problema vai além da sala de aula.

Nesse sentido, inicialmente apresentamos algumas reflexões sobre a supervisão escolar no cenário educacional, que se mostra atualmente como um dos maiores problemas escolares vivenciados, bem como a atuação do supervisor. Em seguida, discutimos aspectos relacionados à indisciplina escolar propriamente dita. Assim, em segundo momento, analisaremos a atuação do supervisor frente às questões relacionadas à indisciplina e à escola.

2 AS MINHAS INQUIETAÇÕES E OS PRESSUPOSTOS SOBRE DISCIPLINA E A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A escola é uma das instituições mais complexas da sociedade contemporânea, já que tem o dever de fazer com que o educando desenvolva diversas habilidades, dentre elas, o raciocínio lógico, a construção de valores, as adequações às regras, a aprendizagem e a interação com o mundo social, enfim, todas as habilidades que fazem o educando capaz de enfrentar o mercado de trabalho e a vida social.

Como educadora, passei muito tempo ouvindo colegas relatando o quanto é difícil se fazer escutar pelas crianças de hoje e como se sentem desamparados pela direção e pela equipe pedagógica no decorrer desses desgastes pedagógicos, por isso, questiono qual seria o seu papel, em especial, do supervisor escolar na resolução desses problemas.

A disciplina é um jogo entre alunos e professores que provoca cada vez mais desgastes no ambiente escolar e tem sido o principal motivo entre os profissionais que decidem optar por outro ramo de trabalho. Segundo eles, é difícil interagir com alunos que conversam incessantemente durante as aulas, com as agressões físicas e verbais, além de piadas e falta de habilidade em se concentrar pelo menos um minuto na situação ou na explicação do professor.

Segundo Içami Tiba, *disciplina é o conjunto de regras éticas utilizadas para conquistar um objetivo com o menor recurso e tempo possível*. Esse conjunto de regras pode ser obtido simplesmente pelo treino, adquirido pela própria experiência ou compreendido por intermédio do professor.

Tendo em vista o conceito de disciplina e observando algumas queixas de colegas, percebo que o motivo das queixas mais frequentes é:

- Por que é tão difícil chamar a atenção de um aluno para o conteúdo ministrado em sala de aula?

Após analisar diversas vezes essa pergunta, decidi ir atrás de respostas, para minha surpresa, deparei-me com uma grande leva de informações e teses sobre esse assunto. Nas teses lidas, foram analisados diversos fatores que vão desde os meios pedagógicos apresentados dentro

da sala de aula, até mesmo o fator genético. Segundo Sidnei Oliveira³, hoje vivemos em uma sociedade que sofreu nas últimas décadas algumas alterações genéticas, a qual ele define como geração Y⁴, tendo essa com principal característica a grande facilidade de realizar múltiplas tarefas ao mesmo tempo, sendo o estudante dessa nova geração um estudante dinâmico, que apresenta grande rapidez no raciocínio lógico, porém a sua atenção é extremamente seletiva, tendo pouca paciência para esperar resultados em longo prazo. Um exemplo disso é a criança que não consegue aprender a ler ou escrever, pois possui muitas inquietações e diversas distrações, já que está frequentemente exposta a uma grande quantidade de informações, sejam elas do mundo digital ou das telecomunicações, fazendo com que o professor tenha cada vez mais dificuldades em estimulá-la.

Entretanto, a impaciência e a grande rapidez de raciocínio lógico não são os únicos motivos para as crianças estarem cada vez mais intolerantes com os professores. A falta de tempo dos pais, que vêm cada vez mais transferindo as suas funções para a escola, tem trazido até os nossos ambientes escolares crianças que não precisam apenas aprender a ler, escrever e fazer contas, mas que são levadas muitas vezes às escolas para aprenderem a se socializar e serem educadas moralmente.

um dos mais importantes motivos para os pais tentarem delegar a educação dos filhos à escola é preferirem omitir-se do que errar com os filhos. Os pais contemporâneos perderam suas referências educativas, pois o que eles viveram quando crianças não serve mais, e estes ainda não adquiriram novos recursos para educar estas criancinhas tão independentes, cheias de argumentos (SILVA, 2009, p. 24).

Acredito que o problema disciplinar encontrado frequentemente nas escolas e exaustivamente encarado pelo professor durante as aulas nada mais é do que o resultado de conflitos familiares e do meio social. Segundo a Diretora da escola pesquisada, E. de B. S., existe nas escolas atuais uma inversão de valores, juntamente com a falência das instituições de ensino e a questão da falta de hierarquia, que tem feito os jovens cada vez mais desafiadores e

³ Revista Gestão Educacional, n. 81.

⁴ Jovens que hoje apresentam idades entre 15 e 30 anos.

indisciplinados. Assim, a minha inquietação está no por que os jovens estão cada vez mais indisciplinados com os professores? Logo, como o supervisor escolar pode contribuir para mudar esse contexto tão difícil em que se encontram nossas escolas?

Segundo a revista *Gestão Educacional*⁵, é o fato de a escola contemporânea não ser mais a única detentora do conhecimento como no início do século, trazendo uma imagem para os nossos jovens de que a internet hoje pode resolver tudo, desconsiderando a importância da escola.

3 UM OLHAR SOBRE SUPERVISÃO ESCOLAR...

Penso que hoje a escola é uma das instituições mais complexas da sociedade contemporânea, já que tem o dever de fazer com que o educando desenvolva diversas habilidades, dentre elas, o raciocínio lógico, a construção de valores, habilidades essas que fazem do educando alguém capaz de enfrentar o mercado de trabalho e a vida social.

No atual contexto da educação brasileira, cresce a importância do supervisor educacional, cujo papel é direcionar o trabalho pedagógico na escola em que atua para que se efetive a qualidade em todo o processo educacional. Sabe-se que o Supervisor Escolar é um servidor especializado em manter a motivação do corpo docente e deve ser um idealista, definindo claramente que caminhos tomar, que papéis se propõe a desempenhar, buscando constantemente ser transformador, trabalhando em parceria, integrando a escola e a comunidade na qual se insere e tentando formular um PPP (Projeto Político Pedagógico) e um Regimento interno de acordo com a realidade dessa instituição.

A falta de clareza com relação à função do supervisor escolar é atribuída, em parte, à forma como o trabalho desse profissional surgiu no cenário educacional brasileiro. Nogueira (1989) e Saviani (2002), entre outros pesquisadores que se preocupam com essa questão, demonstram que, sob a influência do tecnicismo burocrata e a régia da ditadura militar, a supervisão surge como elemento controlador e fiscal do sistema escolar, pois, como o próprio nome diz, “super visão”,

⁵ Revista *Gestão Educacional*, n. 81.

aquele que observa tudo, e, que naquele tempo, tinha o papel de passar para o governo o comportamento dos jovens e qualquer agrupamento considerado perigoso.

Para Passerino (1996), “o trabalho do supervisor educacional deve ser orientado pela concepção libertadora de educação, exige um compromisso muito amplo, não somente com a comunidade na qual se está trabalhando, mas consigo mesmo”. Compreende-se como um compromisso político que leva a capacidade profissional que resulta na ação do educador, em sala de aula, às mudanças almeçadas. Contudo, a tarefa do supervisor é muito difícil de ser alcançada, exige a compreensão para a integração em sua complexidade. Visto que a indisciplina está relacionada não apenas a um problema único, mas que muitas vezes acaba envolvendo aspectos relacionados à família, a situações sociais, à escola, à comunidade, entre outros, cabe ao supervisor possibilitar métodos que auxiliem na ação/reflexão das práticas pedagógicas. O supervisor escolar tem como função analisar, em ação conjunta com os professores, as contradições existentes entre o fazer pedagógico e a proposta pedagógica, tentando, assim, encontrar a melhor saída para enfrentar esse problema e muitos outros que também fazem parte de sua responsabilidade.

4 INDISCIPLINA NO SEU CONCEITO

Para Amado (2000),

Entende-se, desta forma, que o termo Indisciplina é utilizado para descrever atitudes, condutas ou atos, por parte dos alunos, que não são legitimados pelo professor no contexto regulador da sua prática pedagógica e que, conseqüentemente, perturbam o decorrer do processo de ensino-aprendizagem.

Já conforme aponta Rego (1996), como criação cultural, o termo indisciplina não é estático, uniforme ou universal, uma vez que se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história nas diferentes culturas e em uma mesma sociedade. Sendo assim, podemos determinar que o termo disciplina é variante de país para país em sua singularidade, e a essência do termo disciplina consiste em seguir as regras, porém, em alguns países, apresenta-se com mais rigidez do que em outros.

Para Parrat-Dayán (2008, p. 21), “Os atos indisciplinados se manifestam de diferentes formas, tornando-se desagradáveis tanto para o professor quanto para os alunos que estão preocupados com a aprendizagem”.

Para muitos professores, caracteriza-se pelo descumprimento de ordens e pela falta de limites, como, por exemplo: faltar às aulas, não levar o material necessário, ficar de pé, interromper o professor tentando chamar sua atenção, falta de respeito à autoridade do professor, dentre outras atitudes que, muitas vezes, os impedem de ministrar suas aulas de maneira adequada.

O conceito da Indisciplina, para Amado (2001), apresenta uma perspectiva importante dos comportamentos sociais dos indivíduos que se explicam através da interação dos sujeitos; a indisciplina consiste num desvio à regra e à norma instituída. Ora, em termos sociológicos, o desvio não é só um comportamento no qual o indivíduo infringe uma norma por acaso, trata-se de uma infração motivada e contextualizada. Sendo assim, o desvio diz respeito a um conjunto de comportamentos que não corresponde às normas e aos valores partilhados na sociedade e no ambiente escolar.

Antunes (2001, p. 19) ressalta que a indisciplina passa por três focos de igual importância. O primeiro constitui-se na própria escola, quando não apresenta regras claras e definidas, quando não dá oportunidade de participação do aluno na construção das regras e quando não viabiliza canais para que o aluno possa levar sua crítica; o segundo foco de indisciplina constitui-se no professor, quando não constrói aulas significativas; o terceiro foco constitui-se no aluno, quando muitas vezes traz de casa ou das ruas posturas que não se enquadram nos valores da escola.

Levando em conta os três focos apresentados por Antunes, o supervisor escolar poderá planejar as suas ações a partir da construção gradativa do PPP e do regimento interno, juntamente com a comunidade, abrindo espaço para que um representante de cada turma participe das reuniões e traga consigo a ideia de sua turma para construir o regimento interno da escola, bem como fica responsabilizado por apresentar a eles o que foi decidido. Num segundo momento, o supervisor escolar poderá apresentar aos professores, nas formações, novas ferramentas e formas de apresentar os conteúdos aos alunos, tentando assim instigar e prender a atenção do educando, e o último ponto poderia ser corrigido em um trabalho de equipe no qual o supervisor trabalhará

juntamente com o orientador educacional e o psicólogo, para compreender os ditos alunos problemáticos.

Segundo Aurélio, “disciplina é o regime de ordem imposta ou livremente consentida; ordem que convém ao funcionamento regular duma organização (militar, escolar, etc.); relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor”. Essa definição de Aurélio não me surpreendeu em nada ao comparar a organização escolar com o sistema militar, já que a palavra disciplina vem de um contexto militarizado e hierarquizado, e o seu cumprimento é fundamental para manter o sistema. Talvez por isso as diversas associações errôneas de que disciplina está ligada de alguma forma com prisão, cadeia, falta de liberdade.

Para La Taille (1996), “se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas”.

É dever de todos, principalmente da comunidade escolar, interferir e procurar saber o que acontece nesse ambiente. A revolta pura e simples não se mantém se houver regras claras de convivência. Segundo La Taille (1996), cabe à escola a preparação para o exercício da cidadania. E, para ser cidadão, é necessário conhecimento, memória, respeito pelo espaço público, normas de relações interpessoais e diálogo aberto entre olhares éticos. A indisciplina escolar apresenta-se como o descumprimento das normas fixadas pela escola e pelas demais legislações aplicadas. O processo de aprendizagem necessita da disciplina para que ocorra de forma tranquila e eficaz. A disciplina em sala de aula pode equivaler a atitudes tolerantes e de aceitação do outro e a simulação de convivência em sociedade.

Amado (2001) acrescenta que a indisciplina consiste num “fenómeno relacional” e interativo que se concretiza no incumprimento das regras que presidem, orientam e estabelecem as condições das tarefas na aula e, ainda, no desrespeito de normas e valores que a escola e o professor impõem em sua sala de aula.

Dessa forma, entendemos que as necessidades formativas são determinantes para o desenvolvimento profissional, ou seja, evoluímos pessoal e profissionalmente, quando sentimos necessidade, ou quando o ambiente, com toda magia, transforma o conhecimento em saber.

Compreendemos, também, que esse processo de desenvolvimento é biológico, histórico e social, isto é, é inerente à própria constituição do ser humano.

[...] A indisciplina é um problema sério, ela não tem forma e segue diferentes caminhos: falar, jogar papezinhos, não estudar, não escutar etc. o problema do professor é dar forma àquilo que não tem, direcionar a disciplina para alguma coisa que faça sentido, para algum objetivo, um projeto. Dessa forma, a indisciplina poderá se transformar em disciplina intelectual e moral (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 16).

Segundo Saviani (2005), a história da humanidade revela que, por milhares de anos, “o ensinar” acontecia por meio do ato vivenciado e conforme as necessidades do cotidiano. Esse ato foi evoluindo e tornou-se institucional com o surgimento da escola, com o objetivo específico de transmissão, assimilação do saber sistematizado, que por muito tempo não apresentou significado ao seu agente principal (o aluno), obrigando-o a decorar e decorar sem compreender o porquê e para que precisaria daquelas informações. Hoje, apesar de todas as mudanças que tivemos no ambiente escolar, ainda encontramos profissionais que trabalham de uma forma mais tradicional, causando entre os alunos um certo desconforto e inquietude.

Por um lado, o problema da indisciplina está ligado a uma série de fatores, e não devemos esquecer que esse é apenas mais um aspecto da educação escolar. Pontos como compreender o sentido e o significado da indisciplina, refletir sobre o tema e identificar maneiras que possam auxiliar o educador a lidar com ela em sua prática pedagógica. Retomando Saviani (2005, p. 80), “o povo precisa da escola para ter acesso ao saber erudito, ao saber sistematizado e, em consequência, para expressar de forma elaborada os conteúdos da cultura popular que correspondem aos seus interesses”. Dessa forma, a escola deve se posicionar como um processo de transformação para o aluno, fazendo com que modifique o aluno e o ambiente escolar, através das diversas experiências que o aluno vai construir dentro e fora da escola.

Por outro lado, encontramos uma grande competição com a escola num mundo onde as grandes tecnologias e os programas de televisões estão cada vez mais presentes na vida dos educandos, provocando desinteresse pelo aprendizado e pela escola. Já está na hora de a escola se aliar às novas tecnologias e ao mundo do audiovisual, utilizando essas ferramentas para uma melhoria no ensino.

A indisciplina, ao se apresentar como um problema a ser enfrentado pela escola, é muitas vezes encarada de forma autoritária, na qual o aluno é reprimido, e, em outras situações, há falta de firmeza e não se consegue fazer com que os alunos respeitem os limites estabelecidos.

Dessa forma, em vez de trabalhar com o aluno na tentativa de resolver o problema, acaba-se ficando entre os dois extremos: expulsar ou “aguentar o aluno” (VASCONCELLOS, 1989, p. 73-74). É importante que haja participação e comprometimento de todos os envolvidos nesse processo (pais, alunos, professores, equipe pedagógica, administrativa, entre outros) na elaboração das normas disciplinares no âmbito escolar, viabilizando um projeto de participação democrática de forma consciente e interativa, para que os problemas relacionados à escola sejam discutidos em conjunto. Piaget e Aquino defendem que os pais têm muita responsabilidade sobre as dificuldades e os problemas apresentados pelos filhos e que, em investigações ou tratamentos, é quase sempre presente neles lembranças familiares negativas, violências verbais ou físicas, econômicas e até mesmo abandono. Mesmo que a escola deva lidar com o indivíduo como um todo, não podemos ocupar o lugar integral da família na formação do indivíduo.

5 DISCIPLINA, ESCOLA E OS ALUNOS

Segundo Foucault, é a escola que determina o modelo de sociedade que temos ou que ainda vamos ter.

Em sua obra, Foucault⁶ determina que disciplina é um controle de um sujeito por outro ou por determinada ordem e que por objetivo tornar o sujeito dominado mais dócil e útil, para que suas atitudes sejam pensadas de acordo com a doutrina do sistema. Seguindo essa linha, Foucault ainda nos relata que a disciplina é imposta através de métodos de adestramentos, que podem ser divididos em alguns pontos, como os que seguem.

⁶ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 53-54.

- 1) A vigilância hierárquica - Um sistema de visão ampla que é construído através de um sistema vertical de relações de poder e de controle, o qual podemos vivenciar em muitas instituições modernas.
- 2) A sanção normalizadora - consiste em um sistema duplo no qual o sujeito é instigado através de recompensas ou ele é punido como meio corretivo de endireitar certos desvios inapropriados.
- 3) O exame - que consiste em um meio de analisar e de fazer comparações entre as ações do sujeito.

Ao longo da história, foram construídas diversas instituições disciplinadoras, entre elas, podemos citar fábricas, empresas, escolas e prisões. Para Foucault, a escola e a prisão têm mecanismos disciplinadores parecidos, já que ambas retiram seus indivíduos das famílias por um longo período, para assim moldar suas condutas e seus comportamentos. Se analisarmos a história, na qual a disciplina foi instituída friamente em exércitos e prisões, e depois compararmos essa mesma palavra em um contexto escolar, onde ela exerce quase a mesma função, perceberemos que não existe diferença. Observando a organização institucional da escola, notamos que normalmente as salas de aula são organizadas com as classes enfileiradas, e o professor com sua classe à frente (ampla visão), deixando explícito o princípio de Foucault que é a Vigilância. A organização da sala nesse sentido tem por objetivo facilitar o controle e a vigilância do professor, além de ser um método que garante maior obediência dos alunos, pois, caso um ou mais alunos alterem a conduta ou a rentabilidade, podem ser ameaçados com a troca de lugar, a qual irá “melhorar” seu comportamento. Tendo em vista essa ação, podemos destacar o segundo e o terceiro princípio de Foucault, pois a ação de mover o aluno de lugar não deixa de ser uma punição, e a melhora de sua *performance* não deixa de ser o exame de conduta em que ele vai ser comparado com ele mesmo.

As comparações com o sistema carcerário não terminam apenas na questão do controle das ações dos alunos pelo professor. Como em presídios, muitas escolas ainda possuem grades, muros altos e porteiros (guardas), que são responsáveis por impedir que o aluno saia antes dos horários predeterminados, além disso, hoje, em tempos modernos, ainda temos instituições que utilizam

sistemas de monitoramento, que não deixa de ser mais uma maneira de intimidar e de controlar as ações de seus alunos. Sem falar que o recreio pode muito bem ser considerado, em algumas instituições, como um meio de recompensa aos bons alunos, já que muitas punições dadas em algumas escolas é a restrição do recreio.

Com isso, podemos ver que, apesar de vivermos em tempos modernos, a nossa escola ainda segue um modelo pedagógico antigo, em que a liberdade de expressão e a arte nem sempre prevalecem, já que a maioria delas tem como projeto político pedagógico formar um cidadão que consiga conviver em sociedade, e a sociedade de hoje é um espelho que reflete aspectos da escola, onde a arte e a cultura das ruas, bem como a cultura popular não servem. O sistema avaliativo continua sendo arcaico, já que a criança que não desenvolve todas as habilidades solicitadas para aprovação das disciplinas cursadas nem sempre é suficiente, ocorrendo, às vezes, que esse sujeito é reprovado em determinada matéria por não conseguir atingir um coeficiente estabelecido, sem levar em conta o montante de habilidades adquiridas no restante das disciplinas, servindo, assim, como punição a repetência desse ano, já que ele não se engloba no modelo perfeito estabelecido pela sociedade.

6 A METODOLOGIA DA PESQUISA E OS SUJEITOS PARTICIPANTES

Optei por conduzir a investigação sobre as concepções dos alunos a respeito do que eles acreditam ser disciplina por meio de uma entrevista. Os sujeitos entrevistados foram alunos de uma escola de ensino fundamental situada entre o litoral norte e a serra do estado do Rio Grande do Sul, conforme será detalhado na seção a seguir.

A pesquisa realizada com os alunos consistia em eles realizarem um desenho a respeito do conhecimento que eles possuíam sobre a palavra disciplina, na chegada à sala de aula, apenas informações básicas foram dadas aos alunos (como meu nome, o que estava fazendo lá e que precisaria da ajuda deles para tentar descobrir o que significava uma palavra ou o que essa representava para eles), com o intuito de não conduzir ou influenciar no questionário que viria a seguir.

Como a turma era bem pequena, com mais ou menos quinze alunos, não levou muito tempo e pude recolher todos os desenhos, para assim poder analisá-los, lembrando que escolhi alguns em especial.

- No desenho número um, vamos chamar assim porque solicitei que os alunos não se identificassem, havia uma mãe dando a ordem para que seu filho (no caso, o aluno) regasse as plantas, e ele cumprindo a ordem dada pela mãe.
- No desenho número dois, havia um amigo cumprimentado o outro por ser Natal, ambos os bonecos estavam sorrindo e próximos a uma árvore de Natal.
- No desenho de número três, havia duas bonequinhas: a primeira boneca dizia que todos devem ter respeito, e a segunda aparecia com um balão pedindo desculpas. Aparentemente, estavam na rua; o desenho caracterizava-se por suas cores e seus traços fortes, além de um céu com muitas nuvens e pássaros.
- O desenho número quatro tinha apenas uma menina com um balão pedindo desculpas; não trazia em seu corpo qualquer tipo de cor, sua única característica eram os traços marcantes.
- No desenho de número cinco, apareciam novamente dois bonecos, dessa vez, porém, encontramos um menino e uma menina que estavam se cumprimentando e sendo cordiais uns com os outros.
- No desenho de número seis, apareciam dois bonecos, sendo que um deles se encontrava atrás de uma fruteira, e o outro, na frente. Desse último saía um balão pedindo um real de fruta, muito educadamente; no canto do desenho, encontrávamos uma frase em que o aluno definia que disciplina é ser bem comportado.
- No sétimo desenho, o aluno se desenhava indo para a escola, como se reconhecesse, nesse ambiente, o seu caráter disciplinador; não possuía cores e seus traços eram caracterizados por serem bem definidos e grossos.
- No oitavo e último desenho que vamos analisar e descrever aqui, aparecia um grande boneco vermelho com um apito ou cigarro (não estava definido) e, por cima deste, encontrávamos diversos traços, quase que formando uma grade por cima dele, como se estivesse preso em algum lugar.

O resultado da sua análise foi bem surpreendente, já que a maioria dos alunos desenhou que disciplina nada mais é do que ter respeito, o falar por favor, o cumprimento de uma ordem que lhes foi dada, enfim, questões que talvez caracterizem uma criança dócil e respeitadora. Porém, dois alunos acabaram me chamando a atenção. Um dos alunos desenhou que disciplina era uma grade ou uma prisão, talvez o aluno tenha esse pensamento por questões aqui já analisadas, como a questão da disciplina que lembra muito os quartéis ou os presídios, ou talvez pela forma com que a disciplina seja imposta a ele pelos pais ou até mesmo pela escola. E o outro caso foi do aluno que desenhou a escola como sendo um lugar que ele considera disciplinador.

Portanto, podemos definir que a maioria dos alunos não sabe bem o que é disciplina, mas intui que ela deve ser caracterizada por ter boas atitudes de conduta e o cumprimento das ordens que lhes são dadas, o que nos faz lembrar muito o modelo militar e o cumprimento de ordens independentemente de nossa vontade. Dessa forma, pode-se fazer uma análise, mesmo que parcial, de que a disciplina na escola deve ser mais trabalhada e dialogada com todos os segmentos da escola, famílias e comunidade em geral, no sentido de um entendimento e do comprometimento dos sujeitos do processo educacional. A base pode estar em ações preventivas e na construção de propostas participativas das regras e das orientações em que todos possam ser responsabilizados, para que, assim, se tornem agentes de transformação da escola como um espaço de convivência saudável e amistoso. Assim diria o autor que segue:

O trabalho da escola tem uma repercussão muito maior também: não se trata simplesmente de transmitir determinados conteúdos socialmente acumulados pela humanidade: trata-se, além disso, de inserir o sujeito no processo civilizatório, bem como na sua necessária transformação tendo em vista o bem comum (VASCONCELLOS, 1995, p. 33).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indisciplina na sala de aula tem se apresentado como um dos maiores entraves para a efetivação do processo de ensino e aprendizagem de qualidade e agradável, sendo esse um dos maiores desafios para as instituições de ensino na atualidade e que, através deste estudo, busquei melhor compreendê-lo.

Na luta por mudanças, cabe à gestão escolar se esforçar para inovar o sistema de autoridade, administrando melhor a distribuição do trabalho no seu interior e criando mecanismos de mudanças com medidas preventivas para a indisciplina. O ponto de partida para a superação da indisciplina na sala de aula é substituir o modelo autoritário, individualista e centralizado por meios efetivos de participação que permitam encontrar soluções mais adequadas às necessidades e aspirações da comunidade escolar e do próprio aluno, tentando observar os mecanismos em que estes se desenvolvam melhor, tendo em vista uma mudança qualitativa na educação e um ensino mais libertador.

Como vimos no trabalho acima, a escola tem suas contradições internas e está inserida num contexto histórico social igualmente contraditório e é por ele influenciada. Dessa forma, o fenômeno da indisciplina não pode ser visto apenas como produto de fatores internos à escola, mas como um reflexo de experiências vividas no seio das famílias e da sociedade como um todo, pois, como vimos na análise dos desenhos, muitos alunos ainda associam a palavra disciplina ao ditado de ordens e aos sentimentos de impotência e aprisionamento.

Após ter visto que um aluno considera disciplina a escola e que uma série de outros alunos vêm essa mesma palavra como cumprimento de ordens e aprisionamento, tenho cada vez mais certeza de que está na hora de a direção, o supervisor e o orientador trabalharem juntos para mudar as realidades existentes na escola, pois só assim conseguiremos mudar a visão dos alunos. Apenas trabalhando nessa direção, junto à comunidade escolar e aos alunos, é que vai ser possível traçar novas técnicas que visem a entrelaçar as práticas pedagógicas e, principalmente, a realidade escolar, construindo, assim, quem sabe, uma escola mais confortante e um aprendizado mais prazeroso.

Não acreditamos em uma saída milagrosa capaz de fazer com que os casos de indisciplina cessem de uma hora para outra, mas talvez a construção de uma escola mais humana, fundamentada através de uma ação pedagógica libertadora, comece a ser a resposta para uma nova escola e uma sociedade mais voltada para a arte, o conhecimento e com mais justiça, já que, como vimos, ordens e sentimentos reprimidos (como vimos em muitos desenhos) não podem transformar a nossa sociedade em nada melhor.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J.G. (Org.). **Autoridade e autoritarismo na escola**: Alternativas teóricas e práticas. 3 ed. São Paulo: Summus, 1999.

AMADO J. **A Indisciplina e a formação do professor competente**. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (Tese de Doutoramento). Universidade de Lisboa. Lisboa, 2000.

ANTUNES, Celso. Os focos da indisciplina escolar. **Jornal Mundo Jovem**. Porto Alegre, RS, agosto. 2001. p. 19

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

NOGUEIRA, Ione da Silva Cunha. Violência nas escolas como reflexo dos antecedentes históricos e culturais brasileiros. **Revista de Educação**, PUC Campinas, SP. n. 24, p. 27-38, jun. 2008.

NUNES, Alberto. **Indisciplina na sala de aula** – Uma reflexão a partir da realidade, set. 2006. Disponível em: <http://www.asemana.cv/articleimprim.php3?id_article=17387>. Acesso em: 4 set. 2008.

OLIVEIRA, Maria Isete de. **Indisciplina escolar**: Determinantes, consequências e ações. Brasília: Líber Livro, 2005. PARANÁ. Deliberação n. 014/99. Curitiba: CEE, 1999.

PARRAT-DAYAN, Silvia. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PASSERINO, L. R. I. M. **O Supervisor educacional à luz da concepção libertadora**. Revista Acadêmica, PUC - PR: 1996.

REGO, Teresa C. R. A. indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In.: AQUINO. Julio Groppa. (Org.) **Indisciplina na escola**: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: Primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SILVA. C.C. da **O papel do Orientador Educacional na Indisciplina**. RJ: 2009. Especialização em Orientação Educacional (Monografia de Pós graduação) - Universidade Cândido Mendes.

TIBA, Içami. **Limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1995.